

O Papel de Dulcinéia na Idade de Ferro

Ingrid Karina Morales Pinilla*

Resumo: Neste artigo estuda-se a figura de Dulcinéia del Toboso idealizada por Dom Quixote de la Mancha e sua relação com o desejo do Cavaleiro de ressuscitar a Idade de Ouro, na obra de Miguel de Cervantes Saavedra. Destaca-se que diferentes personagens criaram diversas idealizações ao nome de Dulcinéia. Leva-se em consideração apenas como objeto de estudo a dama de qualidades sobre-humanas, que nunca foi vista por ninguém, nem mesmo pelo Cavaleiro. Foram analisados os trechos mais representativos sobre: a descrição da beleza e propósito da criação de Dulcinéia; a evocação da Idade de Ouro de Dom Quixote e sua relação dialógica com as obras dos poetas romanos Ovídio e Virgílio. Acredita-se que não existe uma conceituação metafísica na personagem estudada, sendo sua figura uma representação do desejo de Dom Quixote de redimir a Idade de Ferro e reviver a Idade Dourada.

Palavras-chave: Dulcinéia del Toboso; Dom Quixote; Idade de Ouro; Idade de Ferro, Literatura espanhola.

Résumé: En este artículo se estudia la figura de Dulcinea del Toboso idealizada por Don Quijote de la Mancha y su relación con el deseo del caballero de resucitar la Edad de Oro, en la obra de Miguel de Cervantes Saavedra. Se destaca que diferentes personajes crearon diversas idealizaciones al nombre de Dulcinea. Apenas se tiene en cuenta como objeto

* Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Mestranda do curso Letras - estudos literários / bolsista FAPEAM. e-mail: kia_morales@hotmail.com.

de estudio la dama de cualidades sobrehumanas, que nunca fue vista por nadie, ni siquiera por el caballero. Fueron analizados los fragmentos más representativos sobre: la descripción de la belleza y propósito de la creación de Dulcinea; la evocación de la Edad de Oro de Don Quijote y su relación dialógica con las obras de los poetas romanos Ovidio y Virgilio. Se cree que no existe una conceptualización metafísica en el personaje estudiado, siendo su figura una representación del deseo de Don Quijote de redimir la Edad de Hierro y revivir la Edad Dorada.

Palabras-clave: Dulcinea del Toboso; Don Quijote; Edad de Oro; Edad de Hierro; Literatura española.

Introdução

Ao considerar a grande diversidade de enfoques, leituras e interpretações que tem gerado a personagem Dulcinéia del Toboso da obra *Dom Quixote de la Mancha*¹, resulta indispensável ressaltar que a análise realizada neste trabalho se concentra unicamente na figura de Dulcinéia criada pelo cavaleiro Dom Quixote.

Dulcinéia del Toboso existe como personagem da obra, no entanto, não possui corporeidade, ela não tem um corpo próprio que a defina. O nome Dulcinéia somente indica uma imagem no pensamento de alguns personagens, é por isso que cada um dos seus idealizadores atribui-lhe um corpo diferente, existindo diversas figuras para um mesmo nome.

Em primeiro lugar apresenta-se a figura de Dulcinéia vista como uma aldeã enunciada pelo narrador: “Foi o caso, conforme se crê, que, num lugar perto do seu, havia certa moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele em tempos andara enamorado, ainda

¹ No presente trabalho se indicará a obra como *Dom Quixote de La Mancha*, Seguindo a nomenclatura da tradução mais conhecida em português, a dos irmãos Viscondes: Francisco Lopes de Azevedo, Conde de Azevedo; e, Antônio Feliciano de Castilho, Visconde de Castilho. Disponível em Internet: www.dominiopublico.gov.br.

que (segundo se entende) ela nunca o soube, nem de tal desconfiou. Chamava-se Aldonça Lourenço” (I,1)².

Observa-se que o narrador duvida da validade do relato quando expressa “conforme se crê”, a voz da desconfiança transmite a ideia de tratar-se de boatos de povoado pequeno, sendo esta uma ferramenta para pôr o leitor em suspense e converter a Aldonça Lourenço numa máscara de uma possível Dulcinéia.

A lavradeira montada numa burrica, criação burlesca de Sancho é outra máscara de Dulcinéia. Já que o habilidoso escudeiro, fazendo gala de bom ator, improvisa uma recepção a umas lavradeiras que passavam pelo caminho, como se fossem donzelas. Com um vocabulário próprio do mundo da cavalaria se dirige a uma das mulheres dizendo:

Rainha, princesa e duquesa da formosura, seja Vossa Altevez servida de receber com boa graça e boa vontade o vosso cativo cavaleiro, que está ali feito de mármore, todo turbado e sem pulso, por se ver na vossa magnífica presença; eu sou Sancho Pança, seu escudeiro, e ele o afamado cavaleiro D. Quixote de la Mancha, conhecido pelo nome de Cavaleiro da Triste Figura. (II, 10).

Apavorado Dom Quixote só olhava a cena sem pronunciar palavra como é narrado: “Aquela a quem Sancho dava o nome de rainha e senhora, e, como não via senão uma moça aldeã, de cara larga e feia, estava suspenso, sem ousar descerrar os lábios” (II, 10).

Uma terceira figura criada para Dulcinéia é aquela que tinha corpo de pajem, invenção burlesca de uma duquesa na segunda parte da obra:

² Adotou-se a maneira mais usual de citar o livro do Quixote: entre parêntese, primeiro a parte em números romanos, depois, separado por vírgula, o número do capítulo.

Tinha o duque um mordomo, de engenho alegre e desenfadado, que representou o papel de Merlin, arranjou todo o aparato da aventura passada, compôs os versos e incumbiu um pajem de fazer o papel de Dulcinéia. Finalmente, por ordem de seus amos, arranjou outra burla do mais estranho e gracioso artifício que imaginar-se pode. (II, 36).

Além das figuras já apresentadas existem outras, tais como a sonhada pelo Cavaleiro na cova de Montecinos mencionada no capítulo XXII da segunda parte. Mas, sobre esta diversidade de figuras ideais, só se considera como objeto de estudo a idealização de Dom Quixote, aquela de qualidades sobre-humanas, que nunca foi vista por ninguém, nem mesmo pelo Cavaleiro. A Dulcinéia que é uma invenção de terceira ordem, já que seu inventor Dom Quixote (invenção de segunda ordem) foi criado pelo Fidalgo Alonso Quixada (invenção direta do autor, de primeira ordem).

Criação, propósito e descrição de Dulcinéia

Alonso Quixada tem cerca de cinquenta anos, é culto e inteligente, mas se entrega à leitura de novelas de cavalaria “e assim, do pouco dormir e do muito ler chegou a perder o juízo” (I, 1). Decide tornar-se um cavaleiro andante, adotando o nome de *Dom Quixote de La Mancha*. Arma-se, então, com a armadura enferrujada de seu bisavô e idealiza uma dama a quem oferecer suas vitórias no campo de batalha, fato coerente com os livros de cavalaria:

Assim, limpas as suas armas, feita do morrião celada, posto o nome ao rocim, e confirmando-se a si próprio, julgou-se inteirado de que nada mais lhe faltava, senão buscar uma dama de quem se apaixonar; que andante cavaleiro sem amores era árvore sem folhas nem frutos, e corpo sem alma. (I, 1).

Essa dama criada pelo Cavaleiro foi pensada para sempre ser uma idealização e nunca materializar-se, de acordo com Casaldueiro (1949) “Dulcinea es la idea pura: a esta idea se llega partiendo de la realidad; pero no es la realidad observable, es la realidad del refranero”.

Assim Dom Quixote decide dar nome e forma a sua senhora idealizada:

(...) Buscando-lhe nome que não desdissesse muito do que ela tinha, e ao mesmo tempo desse seus ares de princesa e grã-senhora, veio a chamá-la Dulcinéia del Toboso, por ser Toboso a aldeia da sua naturalidade; nome este (em seu entender) músico, peregrino, e significativo, como todos os mais que a si e às suas coisas já havia posto. (I, 1).

Nesse trecho o narrador indica que Dulcinéia antes de possuir esta denominação, já tinha um nome, mas não fica claro que seja de uma mulher (Aldonça Lourenço) ou de um desejo profundo do Cavaleiro. Segundo Michael Atlee (1976), Dulcinéia é uma metáfora do conceito aristotélico de Deus que surgiu na Idade Média na forma de amor cortês. Conforme o autor, o próprio Aristóteles explicou o poder ativo de Deus através de uma metáfora erótica: “Deus movimenta o mundo como a amada ao amante. Dulcinéia seria deste modo o Deus ativo de Dom Quixote”.

Referente ao propósito da criação de Dulcinéia, na segunda parte da obra, Dom Quixote reconhece que seu objetivo é fazer o bem a todos, mas para isso é forçado a ter uma dama:

Sou enamorado, só porque é forçoso que o sejam os cavaleiros andantes, e, sendo-o, não pertenco ao número dos viciosos, mas sim ao dos platônicos e continentos. As minhas intenções sempre as dirijo para bons fins, que são fazer bem a todos e mal a ninguém. (II, 32).

No trecho acima, Dom Quixote evidencia que não está interessado em ter de fato, uma relação amorosa, que criou a Dulcinéia por

necessidade. Para Martínez Bonati (2004) a invenção de Dulcinéia é a opção de Dom Quixote para proteger-se da aventura que mais teme: a aventura erótica, pois a vitória não depende da coragem. Além disso, esta dama idealizada não tem beleza, a beleza está nos objetivos do Cavaleiro, o que se pode explicar na filosofia Platônica, que ensina que a beleza dos corpos é o início da ascensão às ideias e o verdadeiro fim é o Bem³. Como Dulcinéia não tem corpo ela não é início nem fim, ela é só um instrumento para um fim.

Um dos traços do amor de Dom Quixote é que seu sentimento por Dulcinéia serve como motivação para seu valor e valentia, o qual se pode comprovar quando se enfrenta em fera batalha contra um rude rival biscainho:

— Ó senhora da minha alma, Dulcinéia, flor da formosura, socorrei a este vosso cavaleiro, que, para satisfazer a vossa muita bondade, se acha em tão rigoroso transe. O dizer isto, apertar a espada, cobrir-se bem com a rodela, e arremeter ao biscainho, foi tudo um, indo determinado de aventurar tudo num só golpe. (I, 8).

A lealdade e fidelidade é outro grande traço do amor de Dom Quixote por Dulcinéia. Evidente quando Sancho fica enraivado com seu amo, porque o Cavaleiro diz que não vai se casar com a princesa Micomicadela que lhe dará muitas riquezas, por preferir a Dulcinéia.

— Juro e rejuro por vida minha que não tem Vossa Mercê, senhor D. Quixote, o juízo inteiro. Pois como é possível pôr Vossa Mercê em dúvida casar-se com tão alta Princesa como esta? pensa que a fortuna lhe há-de oferecer a cada canto uns acertos como este? é porventura mais formosa a minha senhora Dulcinéia? está na tinta (...) Case, case logo, ou que o leve o diabo, e aceite esse reino, que por si se lhe está metendo nas mãos... (I, 33).

³ Platão, O Banquete. Cf. Reyes Celedón, "Do Eros nos ensinamentos de Diotima de Mantinéia".

Porém, o Cavaleiro não tolera a falta de compreensão de seu atrevido escudeiro e arremete contra ele, jogando-o contra a terra e batendo-o tão forte que se não fosse pela intervenção da Dorotéia, suposta princesa Micomicadela, Sancho ficaria muito ferido. Ao final, Dom Quixote expressa sua indignação da seguinte forma:

— Pensais, vilão ruim — lhe disse passado pouco — que hei-de estar sempre para vos aturar, e que tudo há-de ser tu a despropositares, e eu a perdoar-te? pois não o cuides, maroto excomungado, que o és sem dúvida nenhuma, pois te atreveste a pôr língua na sem par Dulcinéia. Não sabeis vós, mariola, biltre, que, se não fosse pelo valor que ela infunde no meu braço, eu por mim nem matava uma pulga? Dizei-me, socarrão de língua viperina, quem julgais que foi o conquistador deste reino, e o que decepou a cabeça deste gigante, e vos fez a vós Marquês (que tudo isto o dou eu já como feito e processo findo), se não é o valor de Dulcinéia, fazendo de meu braço instrumento de suas façanhas? Ela peleja em mim, e vence em mim; eu vivo e respiro nela; nela tenho vida e ser. Filho da mãe, grande velhaco, como sois desagradecido, que vos vedes levantado do pó da terra, até senhor dum título, e a tão boa obra correspondeis com dizer mal de quem vo-la fez! (I, 33).

No trecho anterior, pode-se perceber o fiel e leal que é Dom Quixote com Dulcinéia. Já que é por ela e através dela que ele tem valor, que ele vive no que ela representa: bondade, pureza, todos os inestimáveis atributos da Idade de Ouro.

Já na primeira parte da obra, Dom Quixote descreve a Dulcinéia quando o personagem Vivaldi pede para ele dizer o nome, pátria, qualidade, e formosura da sua dama. A esse questionamento, responde o Cavaleiro dizendo:

Só posso dizer, em resposta ao que tão respeitosamente se me pede, que o seu nome é Dulcinéia, sua pátria Toboso,

um lugar da Mancha; a sua qualidade há-de ser, pelo menos, Princesa, pois é Rainha e senhora minha; sua formosura sobre-humana, pois nela se realizam todos os impossíveis e quiméricos atributos de formosura, que os poetas dão às suas damas. (I, 13).

O reconhecimento da beleza de Dulcinéia para Dom Quixote é de forma sobre-humana, sendo possível nos “impossíveis e quiméricos atributos dos poetas”, ou seja, é possível na visão dos impossíveis de outros. Contrário à visão de Plotino⁴ (2000) quem indica que a beleza provém da forma que está no intelecto do artista. Essa noção da beleza (kállos) está intrinsecamente relacionada aos três níveis da realidade por Plotino distintos: a Alma (psukhé), o Intelecto (noûs) e o Uno (hén). Não se restringindo às disciplinas artísticas ou a um campo de expressão que possa vir a constituir uma “Estética”, pois ela deve ser aprendida a partir de uma visão metafísica. Por essa razão, o estatuto da arte (tékhne) em Plotino tem um sentido essencialmente metafísico, valorizado de tal forma que consiste em um dos modos de reconhecimento da beleza. Dado que a beleza transparece na arte porque ela provém da forma que está no intelecto do artista e não do seu fazer manual. O artista traz à visão a beleza, quando ele possui o conhecimento intelectual da forma. Portanto, não há conceituação metafísica da beleza de Dulcinéia.

Logo, os poetas que manifestam esses “impossíveis e quiméricos” atributos que Dom Quixote confere a Dulcinéia, são Virgílio e Ovídio. Dom Quixote conhece a obra deles e distingue a recriação desses autores, feita por literato que responde à denominação de “primo”, cuja missão é acompanhar o Cavaleiro até a cova de Montesinos (II, 22).

⁴ Plotino (Egito, 205 - 270), Filósofo neoplatônico. Autor do livro *Enéadas*, o qual é um conjunto de seis obras contando com nove tratados cada uma. Texto original em grego disponível em: <<http://hiphi.ubbcluj.ro/...pdf>> Acesso em: 12 jun. 2012.

Esse personagem anônimo expõe como consegue recriar e complementar o que os autores latinos deixaram de dizer, como se mostra em:

Tenho outro livro também, que hei-de chamar Metamorfoses, ou Ovídio espanhol, de invenção nova e rara, porque nele, parodiando Ovídio, pinto quem foram a Giralda de Sevilha e o anjo da Madalena, o cano de Vecinguerra em Córdoba, os touros de Guisando, a Serra Morena, as fontes de Leganito e de Lavapés em Madrid, sem esquecer a do Piolho, a do Cano Dourado, a da Prioreza; isto com as suas alegorias, metáforas e translações, de modo que alegram, suspendem e ensinam ao mesmo tempo. Tenho outro livro, que chamo Suplemento a Virgílio Polidoro, que trata da invenção das coisas e que é de grande erudição e estudo, porque as que deixou de dizer Polidoro, averiguo-as eu e declaro-as em gracioso estilo. Esqueceu-se Virgílio de nos dizer quem foi a primeira pessoa que teve catarro no mundo; declaro-o eu ao pé da letra, e fundamento-o com mais de vinte e cinco autores; veja Vossa Mercê se trabalhei ou não trabalhei para ser útil a toda a gente. (II, 22).

Constata-se que este relato está cheio de metáforas e de metonímias que certamente ajudam na interpretação da obra de forma perspectivística, mostrando que do mesmo modo que o personagem “primo”, o Cavaleiro recria esses autores da mitologia.

O Perspectivismo linguístico de Spitzer⁵ potencializa essa hipótese realçando que a composição Cervantina feita a partir de diversos e aparentemente incompatíveis enfoques, tem em conta uma polifonia linguística que destaca cada episódio para responder a uma necessidade de significado geral. O próprio Dom Quixote prediz que sua história terá diversas interpretações que deverão ser desemaranha-

⁵ Spitzer, Leo, *Linguística e historia literaria*, Gredos, Madrid, 1955, 2ª ed. 1974. Em especial o capítulo “Perspectivismo Linguístico en el Quijote”, p. 135-187.

das: “assim acontecerá com minha história, que precisará talvez de comentário para se entender” (II, 3).

A Idade de Ouro: Idealização dos poetas e do Cavaleiro

O maior ponto de encontro entre Dom Quixote, Ovídio e Virgílio é sua idealização da Idade de Ouro. O Cavaleiro faz uma longa e saudosa exaltação dessa Idade ao se encontrar com um grupo de cabreiros (personagens do mundo pastoril). Dom Quixote “Com boa sombra foi dos cabreiros recolhido” (I,11). Eles, “estendendo na terra uns velos de ovelha, aparelharam azafamados a sua mesa rústica, e convidaram aos dois com mostras de muito boa vontade para o que ali havia” (ibidem) integrando os convidados no grupo. Enquanto se preparava a comida, Dom Quixote ensina Sancho Pança algumas questões relacionadas ao universo cavaleresco que justificam o convite feito pelos cabreiros, pois para ele os que pertencem à cavalaria andante são honrados e estimados por muitos. Após do jantar, o Cavaleiro pegou um punhado de bolotas – fruto da azinheira, característico da península ibérica – nas mãos, e admirando-as deu início a seu discurso sobre a Idade de Ouro que evidencia a oposição desta época mitológica com a Idade de Ferro, tendo como referência a natureza, a qualidade de vida e a virtude humana:

— Ditosa idade e afortunados séculos aqueles, a que os antigos puseram o nome de dourados, não porque nesses tempos o ouro (que nesta idade de ferro tanto se estima!) se alcançasse sem fadiga alguma, mas sim porque então se ignoravam as palavras teu e meu! Tudo era comum naquela santa idade; a ninguém era necessário, para alcançar o seu ordinário sustento, mais trabalho que levantar a mão e apanhá-lo das robustas azinheiras, que liberalmente estavam oferecendo o seu doce e sazoado fruto. As claras nascentes e correntes rios ofereciam a todos, com magnífica

abundância, as saborosas e transparentes águas. Nas abertas das penhas, e no côncavo dos troncos formavam as suas repúblicas as solícitas e discretas abelhas, oferecendo a qualquer, sem interesse algum, a abundosa colheita do seu dulcíssimo trabalho. (I,11).

No segundo momento do discurso, faz referência às virtudes humanas, especialmente, à liberdade, que permitia às mulheres andar livres, sem culpa ou recriminação:

Então, sim, que andavam as símplices e formosas pastori-nhas de vale em vale, e de outeiro em outeiro, com singelas tranças ou em cabelo, sem mais vestidos que os necessários para encobrirem honestamente o que a honestidade quer, e quis sempre, que se encubra. Não eram seus adornos, como os que ao presente se usam, exagerados com a púr-pura de Tiro, e com a por tantos modos martirizada seda; eram folhagens de verde bardana e hera entretecidas; com o que talvez andavam tão garridas e enfeitadas como agora andam as nossas damas de corte com as raras e peregrinas invenções que a indústria ociosa lhes tem ensinado. Então expressavam-se os conceitos amorosos da alma simples, tão singelamente como ela os dava, sem se procurarem artificiosos rodeios de fraseado para os encarecer. (I,11).

Além disso, como existia a honestidade, não havia fraude nem engano, favorecendo com que não houvesse a necessidade de leis e tampouco de juiz. Assim, a justiça se fazia presente em seus próprios mecanismos, sem que os interesses fossem manipulados. Em oposição às virtudes da Idade de Ouro, o Cavaleiro ressalta que na Idade de Ferro tudo é diferente, como exemplo, observa a nova condição das mulheres, visto que elas não podem andar livres sem ser questionada sua honestidade. Justamente esta nova condição permite que a malícia seja estabelecida nos tempos da Idade de Ferro ou, como bem enfatiza o Cavaleiro, nos “séculos detestáveis”.

Observa-se que as emotivas reminiscências de Dom Quixote têm pontos de contato com a narrativa sobre a Idade de Ouro e a de Ferro do primeiro livro da obra *Metamorfoses*, de Ovídio⁶. A continuação se apresenta uma mostra da narrativa dos dois e suas semelhanças ao expressar a desnecessidade de juiz e julgar, a inexistência de trabalhar e a natureza intocada na Idade de Ouro:

Ainda não se tinha metido em cabeça a juiz o julgar por arbítrio, porque ainda não havia nem julgadores, nem pessoas para serem julgadas... (Quixote I, 11).

Primava, a idade de ouro, sem defensor nem lei, cultivava o direito e a fé espontaneamente. Faltos de pena e medo, em bronze não se liam ameaças, nem, súplice, a turba temia juiz, mas, sem defensor, sentiam-se seguros... (Metamorfoses I, 90-95)⁷

A ninguém era necessário, para alcançar o seu ordinário sustento, mais trabalho que levantar a mão e apanhá-lo das robustas azinheiras, que liberalmente estavam oferecendo o seu doce e sazonado fruto... (Quixote I, 11).

A terra mesma tudo dava, sem impostos [...] contentes com os frutos dados sem esforço, colhiam o medronho e morangos silvestres, as cerejas e amoras nas moitas de espinho e as landes que caíam da árvore de Júpiter... (Metamorfoses I, 100-05)

⁶ OVIDIO. *Metamorfoses*. Tradução ao português de Raimundo Nonato Barbosa. Disponível em: <<http://www.usp.br>> Acesso em: 12 dez. 2011. Também utilizada a tradução ao espanhol (vide referências).

⁷ Adotou-se a maneira mais usual de citar a obra *Metamorfoses*: entre parêntese, primeiro a parte em números romanos, depois, separado por vírgula, o número da linha.

Ainda não se tinha atrevido a pesada relha do curvo arado a abrir e visitar as entranhas piedosas da nossa primeira mãe... (Quixote I, 11).

Intacta de rastelo ou arados quaisquer... (Metamorfoses I, 100).

Por outro lado Virgílio, na IVª Écloga da *Eneida*, faz referência a uma profecia da Sibila de Cumas:

Já está chegando a última época da predição (da Sibila) de Cumas; a grande sucessão dos séculos recomeça de novo. Já volta a Virgem, voltam os reinos de Saturno; uma nova raça desce do alto do céu. Essa criança que nasceu encerrará a Idade de Ferro e trará de volta a Idade do Ouro no mundo inteiro.

Essa criança que trará de novo a Idade de Ouro é Dom Quixote, ele tem plena consciência disto e o expressa claramente a seu fiel escudeiro: “Sancho amigo, hás-de saber que eu nasci, por determinação do céu, nesta idade de ferro, para nela ressuscitar a de ouro (ou dourada, como se costuma dizer)”. (I, 20).

Com a certeza que ele seria quem reivindicaria a Idade de Ferro, se torna cavaleiro. Nesta condição, Dom Quixote explica como foi que se instituiu a ordem dos cavaleiros:

As donzelas e a honestidade andavam, como já disse, por toda a parte desguardadas e seguras, sem medo de que a alheia desenvoltura e atrevimentos lascivos as desacatassem; (...) Para segurança delas, com o andar dos tempos, e crescendo mais a malícia, se instituiu a ordem dos cavaleiros andantes, defensora das donzelas, amparadora das viúvas, e socorredora dos órfãos e necessitados. Desta ordem sou eu, irmãos cabreiros. (I, 11).

Decerto, a única intensão de Dom Quixote com as donzelas é protegê-las, sem esperar contato físico nem representações materiais

de seu amor. Conseqüentemente, Dulcinéia é figuração do amor de Deus da Idade de Ouro, porque nela se resume a ideia de tudo o que há de proveitoso, honesto e aprazível no mundo. Dom Quixote a ama, crê e tem fé nela sem nunca tê-la visto, sendo essa fé visível durante toda a narrativa. Um exemplo é o momento no qual o Cavaleiro encontra um grupo na estrada e exige que seus membros confessem que não há no mundo donzela mais bela que Dulcinéia:

— Todo o mundo se detenha, se todo o mundo não confessa, que não há no mundo todo donzela mais formosa que a Imperatriz da Mancha, a sem par Dulcinéia del Toboso.

— Senhor cavaleiro, nós não conhecemos quem seja essa boa senhora que dizeis; deixai-nola ver, que, a ser ela de tanta formosura como encarecesteis, de boa vontade e sem recompensa alguma confessaremos a verdade que exigis de nós.

— Se a vísseis — replicou D. Quixote — que avaria fora confessardes evidência tão notória? O que importa é que sem a ver o acrediteis, confesseis, afirméis, jureis e defendais. (I, 4).

Portanto Dulcinéia é uma figuração da Idade de Ouro que indica o caminho do Cavaleiro. Ela nasce da necessidade de Dom Quixote se transformar em um cavaleiro para posteriormente ser um produto de fé. Assim, Dom Quixote, tem por objetivo ressuscitar a Idade de Ouro.

Referências

ATLEE, Michael. "Concepto y Ser Metafórico de Dulcinea" In: Anales Cervantinos. XV, Madrid: C.S.I.C. 1976. Disponível em: <<http://www.artchive.com/quixote.html>> Acesso em: 09 maio 2014.

CASALDUERO, Joaquín. Sentido y forma del "Quijote". 4ª ed. Madrid: Insula, 1975.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición e notas de Francisco Rico (edición del IV centenario). Madrid: Santillana Ediciones Generales / Real Academia Española, 2004.

_____. *Obras Completas*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com> Acesso em: 09 maio 2014.

_____. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução ao português dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2002. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br> Acesso em: 09 maio 2014.

FILGUEIRA, Valverde. "Don Quijote y el Amor Trovadoresco" in *Revista de Filología Española*, 32, 1948.

MARTÍNEZ BONATI, Félix. *El "Quijote" y la Poética de la Novela*. Santiago: Editorial Universitaria, 2004.

MENÉNDEZ, Ramón. "Un aspecto, Literario y Artístico del Quijote" in: *Temas Literarios*. Madrid: Gredos, 1957.

OVIDIO. *Metamorfosis*. Tradução ao espanhol de Ana Pérez Vega. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com> Acesso em: 09 maio 2014.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução ao português de Raimundo Nonato Barbos. Disponível em: <<http://www.usp.br>> Acesso em: 09 maio 2014.

PLOTINO, *Enéada V*, 8. In: SOARES, Luciana «Exegese do Tratado Sobre o Belo Inteligível (V, 8,) de Plotino», *Revista Ciências Humanas*, vol. 23 n. 1 e 2 (2000), p. 63-88.

REYES CELEDÓN, Esteban. Ensaio. "Do Eros nos ensinamentos de Diotima de Mantinéia: O Amor, uma das vias possíveis para o filósofo atingir Inteligível, a imortalidade". Disponível em: < <http://luchoagustin.tripod.com/eros.htm>> Acesso em: 09 maio 2014.

VIRGILIO MARÓN, Publio. *Eneida*. Madrid: Gredos, 1992.